

# Chase quer conversão sem deságio

MARLI OLMOS

As grandes bancas credoras dos Estados Unidos estão dispostas a realizar conversões da dívida brasileira e investir em empresas instaladas no Brasil desde que não estejam revestidos de deságios. A informação é de William Dorson, diretor de finanças do Banco Chase Manhattan, há três anos no Brasil e que já iniciou o processo de conversão de US\$ 200 milhões a serem aplicados na Autolatina. Dorson disse à Agência Estado que as negociações entre o comitê consultivo formado em Nova York pelo Chase e mais 13 outros bancos credores chegaram a um impasse porque o governo brasileiro não quer abrir mão dos deságios.

O próprio Chase já está na mira de outras empresas ligadas aos setores petroquímico e de papel para a aplicação de mais recursos mediante a conversão do endividamento do País. Dorson não revelou, entretanto, quais seriam as próximas empresas a terem o Chase Manhattan como sócio nem o montante de recursos a serem convertidos.

Tudo depende — disse — da disposição do governo brasileiro em aceitar a conversão sem o deságio. “Se nos propomos a entregar dólares de uma dívida, queremos vê-los trocados em cruzados pelo câmbio correspondente” — justificou o diretor do Chase.

Até o dia 21 de julho do ano passado, quem quisesse fazer uma

## Credor investe na Autolatina

Até o dia 31 de julho, US\$ 200 milhões em certificados de dívida brasileira detidos pelo Chase Manhattan Bank estarão totalmente convertidos em investimentos na Autolatina. Este pode ser o maior negócio em conversão de dívida já realizado no mundo, segundo previsões de William Dorson, diretor de Finanças do banco Chase.

Numa transação que durou praticamente um ano, as subsidiárias da Volkswagen e da Ford vão modernizar suas instalações e ampliar a plataforma de exportações com os cruzados da dívida convertidos pelo Banco Central e, em troca, oferecem ao Chase ações da companhia. William Dorson não informou os resultados previstos pelo banco

na conversão. “Temos números, mas são confidenciais”, completou o representante de um banco interessado especialmente em converter parte do dinheiro que deveria receber do Brasil em aplicações em empresas com grande potencialidade de exportação.

“Acreditamos que a exportação de carros é benéfica ao Brasil”, observou o diretor do Chase, que considera mais provável que os credores consigam mais dinheiro na conversão em capital de risco do que na espera do pagamento do endividamento (veja matéria principal). Esta será a primeira vez que o Chase Manhattan — há mais de 60 anos no País — se associa a uma empresa no Brasil.

conversão simplesmente avisava o Banco Central e trocava os títulos da dívida externa brasileira por cruzados ao câmbio oficial do dia. Foi dessa forma que a Autolatina fechou negócio com o Chase. Desde então, o detentor de um certificado de dívida brasileira que queira realizar a conversão deve participar do leilão nas bolsas de valores, onde ganha quem oferece o maior desconto ao BC.

Para Dorson, os leilões têm tomado rumo satisfatório. O deságio, que hoje oscila em torno de 32%, deverá ser reduzido, segundo suas previsões, pelo impulso do próprio mercado. Ele insistiu, porém, que nos negócios de conversão que o banco que representa pretende rea-

lizar não está previsto o deságio.

### RISCO COMPENSADOR

Pelo raciocínio de Dorson, as poucas probabilidades de o Brasil saldar sua dívida levam a crer no interesse cada vez maior na conversão. “Não vejo o Brasil pagando o principal da dívida” — observou o diretor do Chase.

Os credores estão conscientes de que a conversão pode representar um risco, principalmente num país de tantas oscilações na política econômica. Mas, como as possibilidades de recuperar esses recursos também são escassas no âmbito do saldo da dívida, é fácil concluir que na lógica do risco pelo risco a conversão torna-se interessante.

ABC/Agência Estado